

# António Aniceto Monteiro

António M. Fernandes



Nos passados dias 5 e 6 de Junho, decorreu no Museu de Ciência da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, um colóquio em homenagem a António Aniceto Monteiro, por ocasião do centenário do seu nascimento. António Monteiro é mais um desses vultos da designada geração de 40, de que o país, num exercício de auto-flagelação, decidiu prescindir—a bem da nação, como então era uso dizer.

Percebeu-se claramente, numa conferência inaugural magnífica, de Fernando Rosas, que Monteiro era demasiado amplo para o seu país. A sua ânsia de modernizar a investigação matemática em Portugal, de dar a conhecer a Portugal a matemática contemporânea, opunha-se substancialmente a um regime que via na ruralidade a essência do ser portu-

guês. Tão estreito recipiente não poderia conter tal energia, sobretudo sendo este feito de matéria tão rígida e opressiva.

António Monteiro nasceu em 1907, em Angola. A morte prematura do Pai, em 1915, trouxe a família para Lisboa. De 1917 a 1925, frequentou o Colégio Militar. Em 15 de Outubro deste último ano inscreveu-se no Curso de Ciências Matemáticas na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, curso que concluiu em 1930. Casou entretanto, em 1929, com Lídia Monteiro.

Entre 1931 e 1936, António Monteiro esteve em Paris, como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, no Instituto Henri Poincaré, sob a orientação do conhecido matemático francês Maurice Fréchet. Foi para Paris com o intuito de,

como o próprio dizia, estudar matemática. De facto, o panorama matemático português, na época, era pouco mais que estéril. Em Paris ele teve a oportunidade de contactar com a verdadeira investigação matemática mas, não só, lá ele também teve ocasião de observar em que moldes se podia organizar essa mesma investigação.

Ainda em 1936, António Monteiro regressou a Portugal e aqui ficou até 1945. Permaneceu a maior parte desse período sem uma posição oficial numa Faculdade. O mais que conseguiu foi trabalhar a catalogar publicações científicas. De facto, a sua intransigente verticalidade nunca lhe permitiu assinar um compromisso que, então era exigido a todos os funcionários públicos,

Declaro por minha honra que estou integrado na ordem social estabelecida pela Constituição Política de 1933, com activo repúdio do comunismo e de todas as ideias subversivas.

in Diário do Governo, Primeira Série, n. 216; 14 de Setembro de 1936.

Perante isto, Monteiro referiu a Armando Girão (que tentou que ele procedesse como todas as outras pessoas, ou seja que tacitamente assinasse tal declaração, não se comprometendo com ela) o seguinte:

Não sou comunista nem acredito que venha a sê-lo, mas a declaração diz que “não sou nem serei”, e não aceito limitações à minha inteligência.

Apesar da hostilidade que o poder lhe movia, Monteiro não deixou de tentar proceder à modernização do país, naquilo que lhe competia, naquilo que ele considerava ser uma responsabilidade: a organização da investigação matemática em Portugal. Não fez pouco em favor dessa missão. Ajudou a criar a *Portugaliae Mathematica*, de que foi editor; organizou o Seminário de Análise Geral, onde procurou interessar jovens matemáticos pela matemática moderna. Procurou, e conseguiu. Dois grandes vultos da matemática portuguesa, como o são Hugo Ribeiro e José Sebastião e Silva, foram discípulos de Monteiro. Durante esse período assinala-se ainda a criação da *Gazeta de Matemática* e a fundação da Sociedade Portuguesa da Matemática, projectos onde teve um envolvimento fundamental. António Monteiro esteve ainda associado à criação da Junta de Investigação Matemática, no Porto, onde de resto passou um ano da sua estadia em Portugal.

Mas o regime não tolerava espíritos livres e movimentos modernizadores. Tudo isto era muito contrário à “ordem nas ruas e nos espíritos” bem como ao “viver habitualmente”. Esse sentimento foi bem expresso pelo então Sub-Secretário de Estado das Corporações. Disse ele, acerca da nova geração de cientistas portugueses, que “não realizaram trabalho útil ou porque não quiseram ou não souberam produzir, ou porque cometeram o crime de reservar para os seus partidos o que de direito pertencia à Nação”, indo mais longe, “não exibem títulos de confiança do povo português—ou porque os não possuem, ou porque os sonharam”.

Monteiro, entretanto, já tinha aceite um convite para ensinar na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro. Não pôde, por isso, defender-se ele próprio de tal in-

sanidade. Coube a Bento de Jesus Caraça essa tarefa, numa carta aberta que seria publicada no jornal *República*, na sua edição de 29 de Outubro de 1945:

Não sou nem fui bolseiro e não tenho procuração de nenhum deles para o defender, nem eles necessitam de quem os defendam. Mas há entre eles dois homens que não podem agora defender-se porque já não estão em Portugal. Dois homens que são dos maiores valores intelectuais da sua geração—José Rodrigues Miguéis e António Aniceto Monteiro. (...)

Dois homens que foram bolseiros e que quiseram dar honestamente ao seu país os frutos do seu trabalho e da sua capacidade; dois homens que o Estado não aproveitou, a quem não criou as mínimas condições de trabalho; dois homens que através das maiores dificuldades materiais lutaram heroicamente para dar ao seu país tudo aquilo de que eram capazes. (...)

A António Aniceto Monteiro, matemático brilhante, doutor pela Sorbonne, não foi dado, como situação pública, mais que um lugar de assalariado no Instituto de Alta Cultura para catalogar revistas!

Quão actual parece ser esta luta, entre os que querem tornar maior o país e aqueles que almejam tornar maior o Estado.

Caraça termina: “ou seremos nós já tão irremediavelmente infelizes que não possamos fazer justiça aos nossos adversários?”

Definitivamente, tudo isto é muito actual!

Com dois filhos, sobrevivendo em precárias condições económicas, e sentido um forte antagonismo do regime, que permaneceu absolutamente insensível a vários apelos da comunidade matemática dando conta da importância do seu trabalho, Monteiro aceitou uma posição na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro. Foi recomendado por Albert Einstein, Jonn von Neumann e Guido Beck (pelo menos, as recomendações não eram precárias!). Estava convencido que o Brasil era um país com uma dinâmica favorável ao desenvolvimento científico, e que não teria os problemas que o assolaram em Portugal. Esteve lá entre 1945 e 1949, onde para além de alguns discípulos teve a oportunidade de criar uma série de publicações designadas por *Notas de Matemática* e de ajudar a fundar o *Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas*. Foi ainda nomeado membro do Comité de Redacção da *Summa Brasiliensis Mathematicae* editada pela Fundação Getúlio Vargas.

O Estado português, que nunca deixou de o vigiar, exerceu através da Embaixada Portuguesa, uma forte influência promovendo junto do Estado brasileiro as condições para um clima de antagonismo relativamente a Monteiro, de tal modo que o seu contrato de quatro anos não seria renovado.

No final de 1949, Monteiro viaja para a Argentina. Tinha conseguido um contrato com a Universidad Nacional del Cuyo em San Juan. A sua actividade durante esse período foi igualmente profícua. Até que em 1957 aceitou aquele que terá sido o desafio da sua vida, o de organizar o Instituto de Matemática e a Licenciatura de Matemática na Universidad Nacional del Sur, em Bahía Blanca.

Em 1957, este era um local remoto. Praticamente não existia nada e muito menos qualquer actividade científica. Monteiro que poderia ter seguido o conselho do grande matemático Stone, e seguido os passos de Hugo Ribeiro, indo para os Estados Unidos, decidiu-se por este local. São geralmente apontadas duas ordens de razões para esta escolha. Em primeiro lugar, indo para os Estados Unidos, António Monteiro de algum modo receava que o seu passado de perseguido político, lhe levantasse dificuldades. Por outro lado, em Bahía Blanca ele tinha a oportunidade de criar um projecto científico de raíz, em última análise podia pôr em prática toas as suas convicções sobre o modo de fazer e ensinar ciência.

Ele não enjeitou essa oportunidade e fez de Bahía Blanca um dos centros matemáticos mais importantes de toda a América Latina e, certamente o centro de Lógica Algébrica mais importante de toda a América Latina. Em 1972, viria a ser designado Professor Emérito da Universidad Nacional del Sur.

Mas, mesmo depois de tamanhos esforços em prol da dignificação de um país, António Monteiro ainda haveria de ter a oportunidade de reviver o seu passado. Em 1975 a situação política modificou-se na Argentina. Ele viu o seu contrato com a Universidad Nacional del Sur abruptamente terminado, ao abrigo da *Ley Orgánica de las Universidades Nacionales*. Num dos artigos pode ler-se:

Queda prohibido en el ámbito de la universidad el proselitismo político partidario o de ideas contrarias al sistema democrático que es propio de nuestra organización nacional.

Monteiro foi inclusivamente proibido de frequentar a Biblioteca do Instituto de Matemática, uma biblioteca que criou e que hoje tem o seu nome. Era a bibliotecária que subrepticamente o informava das últimas aquisições da biblioteca, permitindo-lhe deste modo manter-se actualizado.

Em 1977, regressa a Portugal onde o Instituto Nacional de Investigação Científica lhe cria um lugar de investigador. Monteiro permanece cerca de dois anos no nosso país, recebendo em 1978 o *Prémio Gulbenkian de Ciência e Tecnologia*.

António Aniceto Monteiro, regressou a Bahía Blanca onde morreu a 29 de Outubro de 1980.

O trabalho científico de Monteiro é vasto e reconhecido internacionalmente. Mais que isso, é substancial na medida em que deixou vasta e variada obra para ser continuada pelos seus discípulos. O seu trabalho em prol da organização da ciência não é menos importante e tudo isto foi conseguido em condições de enorme adversidade.

Foi pois inteiramente merecida a *Grã-Cruz da ordem Militar de Santiago da Espada*, que lhe foi atribuída a título póstumo, pelo Presidente da República Jorge Sampaio em 2000.

António Monteiro é certamente um exemplo, pela sua força interior, preservação, defesa do trabalho sistemático e da racionalidade. Mas são também notórias as dificuldades que teve que vencer. Um ambiente persecutório e medíocre



adverso à realização de grandes propósitos era então dominante e é agora ressurgente. Se a história de Monteiro é a história de um homem de sucesso já a história de Monteiro e Portugal é a história de um país que perdeu tempo (para não dizer que se perdeu no tempo) e desperdiçou força inovadora imprescindível. É da nossa responsabilidade o empenho activo para que não se repita. Esta é a melhor homenagem que se pode prestar a António Aniceto Monteiro.

António M. Fernandes  
Dep. Matemática, IST